

## CARNAVAL

Procurando distração,  
Fui, contente, ao carnaval!  
Muito ouvia em torno dele  
E quis vê-lo ao natural.

Apelei para João Panca,  
Um prestativo vizinho,  
Que não me deixasse a sós,  
Não queria estar sozinho.

João concordou comigo,  
Era sempre o companheiro...  
E lá nós fomos, os dois,  
Ao passeio, dia inteiro.

João falava na caridade,  
Mas a festa estava à espera;  
Era preciso seguir,  
Beneficência “já era”.

Já que falava em virtude,  
Chamei-o a ver Dona Bela,  
Que nos atirou um vaso,  
Pingando água amarela.

Conquanto desapontado,  
Visitamos Dona Aninha,  
Que nos jogou sobre o peito,  
Duas “jóias” de galinha.

João mostrava-se amargurado,  
E como alguém que se poupa,  
Regressou à própria casa,  
A fim de trocar de roupa.

Encontrei um grande praça,  
Léo, filho de Dona Esther;  
Ele pediu-me, alterado,  
Uma saia de mulher.

Todo amigo dava gritos,  
Nessa festa sem sentido,  
Afirmava Dona Clara,  
Ter a calça do marido.

Vi flautas e violões,  
Passando, em busca ao sem-fim,  
Muita gente me chamava,  
Ao lado dos tamborins.

Um homem que carregava,  
Dois chocalhos, uma vara,  
Não sei se foi por querer,  
Esmurrou-me a própria cara.

Carnaval representava,  
A festa do meu País,  
Por isso segui em frente,  
Tão forte quanto feliz.

Era justo conhecer  
Uma festa semelhante,  
Por isso aceitei sem mágoa,  
A agressão extravagante.

Fui buscar, querendo um grupo,  
O amigo Simão Veloz,  
Ele queria cantar,  
Mas “rugia” junto a nós.

Meus amigos sempre muitos,  
Pareciam-me doentes,  
No entanto, não quis deixá-los,  
Ao vê-los irreverentes.

Venci diversos empeços  
E fui ao Tino da Chalaça,  
Ele, porém, nem me viu,  
Estirado na cachaça.

O povo todo dançava,  
E eu olhava sem remoque,  
Achava muito esquisita,  
A orquestra chamada Roque.

Um homem sério abriu alas,  
Era o melhor dos Nicolas,  
Lembrava antigo palhaço,  
Exibindo Cabriolas.

Perguntei a um guarda amigo,  
Que a ninguém queria mal,  
Só desejava saber,  
Se estava no carnaval.

Ele disse:  
Olhe as crianças,  
Todas dançam recordando  
Nossas futuras mudanças.

Vi um par, a longos beijos,  
Na sombra de velho muro,  
Como a dizer que o amor,  
Só se revela no escuro.

Disse o amigo:  
— Se o senhor quer demorar-se,  
Procurando amigos maus,  
Dê-me logo oitenta paus.

Dentre os quadros que anotei,  
Vi o mestre Manassés,  
Que dançava e requebrava,  
Da cabeça até os pés.

Um conflito sucedeu,  
Vendo a filha de Nereu  
Nos braços de outra pessoa,  
Genuíno enlouqueceu.

Achei-me desencantado.  
Eu que entrara reverente.  
A fim de largar o grupo  
Precisava ser valente.

Retornei a nossa casa  
Meditando, por sinal,  
Se o carnaval que assistira,  
Que seria? bem ou mal?

Pensei em meu pai distante,  
Minha mãe falou: — Na vida,  
O carnaval é loucura,  
Doença desconhecida.